

RUA CORRUIRA

Decreto nº 5245 de 07-10-1977

Formada pela rua 2 da Vila Padre Manoel de

Nóbrega - 2a. parte

Início na rua Conselheiro João Alfredo

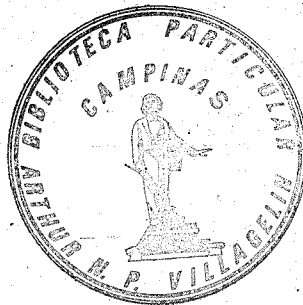
Término na rua Transamazônica

Vila Padre Manoel de Nóbrega

Obs.: Decreto assinado pelo Prefeito Municipal Francisco Amaral. Protocolado nº 8.957 de 15-04-1977.

CORRUIRA

A corruíra é um dos mais alegres e ativos pássaros que vivem próximos das habitações. Pertence à família dos Troglodítideos e cientificamente, é conhecida como "Troglodytes musculus". Conforme a região, a corruíra é conhecida pelos mais variados nomes, como: cambaxirra, carriça, corrieira, garricha, garrinha ou rouxinol-do-nordeste. Ave pequena, medindo no máximo uns onze centímetros, sendo que cinco são de cauda. A parte superior de seu corpo é pardo-acinzentada e a parte inferior pardo-amarelada. Linhas transversais pretas e finas riscam a sua cauda. Seu bico é ligeiramente curvo e um tanto longo, preto na mandíbula superior e côr de chumbo na inferior. A cada procriação essa ave troca de par. Passarinho elegante, buliçoso e muito esperto a corruíra presta grandes serviços à agricultura, frequentando hortas e pomares à procura de insetos, dos quais se alimenta. São bons cantores e, ocasionalmente, chegam às varandas das habitações humanas, povoações e casas de fazenda.



DECRETO N.º 5245, DE 7 DE OUTUBRO DE 1977

Dá denominação a vias públicas da cidade de Campinas.

O Prefeito do Município de Campinas, usando das atribuições que lhe confere o item XIX do artigo 39 do Decreto-Lei Complementar Estadual n.º 9, de 31 de dezembro de 1969 — Lei Orgânica dos Municípios,

D E C R E T A :

Artigo 1.º — Ficam denominadas as seguintes vias públicas a seguir descritas, localizadas na Vila Padre Manoel de Nóbrega, 2.ª Parte;

"RUA CONSELHEIRO JOAO ALFREDO" a Rua 1, continuação da rua do mesmo nome do Jardim Garcia — 1.ª gleba, com início na divisa com a Vila Castelo Branco e término na Rua 2 da Vila Padre Manoel de Nóbrega, 2.ª Parte;

"RUA CORRUIRA" a Rua 2, com início na Rua 1 e término na Rua 3 do mesmo loteamento;

"RUA TRANSAMAZONICA" a Rua 3, continuação da rua do mesmo nome, com início na Rua Transamazônica e término na divisa Norte do mesmo loteamento;

"RUA CURIANGO" a Rua 4, com início na Rua 2 e término na Rua 58 do mesmo loteamento;

"RUA CURIÓ" a Rua 5, com início na Rua 2 e término na Rua 58 do mesmo loteamento;

"RUA FLAMINGO" a Rua 6, com início na Rua 2 e término na Rua 10 do mesmo loteamento;

"RUA GAIVOTA" a Rua 7, com início na Rua 2 e término na Rua 57 do mesmo loteamento;

"RUA GATURAMO" a Rua 8, com início na Rua 2 e término na Rua 57 do mesmo loteamento;

"RUA GRALHA" a Rua 9, com início na Rua 2 e término na Rua 10 do mesmo loteamento;

"RUA CASTELNUOVO" a Rua 10, continuação da rua do mesmo nome da Vila Castelo Branco, com início na Rua Castelnuovo e término na Rua 3 do mesmo loteamento;

"RUA GUAINUMBI" a Rua 11, com início na Rua 10 e término na Rua 12 do mesmo loteamento;

"RUA INHAMBU" a Rua 12, com início na Rua 20 e término na divisa do Jardim Londres;

"RUA IRERÉ" a Rua 13, com início na Rua 12 e término na Rua 16 do mesmo loteamento;

"RUA JACAIM" a Rua 14, com início na Rua 12 e término na Rua 13 do mesmo loteamento;

"RUA JURITI" a Rua 15, com início na Rua 12 e término na Rua 13 do mesmo loteamento;

"RUA JANDALA" a Rua 16, com início na Rua 11 e término na Rua 12 do mesmo loteamento;

"RUA MACUCO" a Rua 17, com início na Rua 16 e término na Rua 20 do mesmo loteamento;

"RUA MARTIM PESCADOR" a Rua 18, com início na Rua 22 e término na Rua 17 do mesmo loteamento;

"RUA MARACANÁ" a Rua 19, com início na Rua 12 e término na Rua 17 do mesmo loteamento;

"RUA PERIQUITO" aquela formada pelas Ruas 20 e 24, com início na Rua 12 e término na Rua 26 do mesmo loteamento;

"RUA PAPAGAIO" a Rua 21, com início na Rua 1 e término na Rua 22 do mesmo loteamento;

"RUA PINTASSILGO" a Rua 22, com início na Rua 21 e término na divisa com o Jardim Londres;

"RUA PELICANO" a Rua 23, com início na Rua 33 do Jardim Londres e término na Rua 3 da Vila Padre Manoel de Nóbrega, 2.ª Parte;

"RUA PINGUIM" a Rua 25, com início na Rua 23 e término na Rua 26 do mesmo loteamento;

"RUA PARDAL" a Rua 26, com início na divisa com o Jardim Londres e término na divisa Norte da Vila Padre Manoel de Nóbrega, 2.ª Parte;

"RUA PATURI" a Rua 27, com início na Rua 25 e término na Rua 30 do mesmo loteamento;

"RUA ROLINHA" a Rua 28, com início na Rua 23 e término na Rua 27 do mesmo loteamento;

"RUA SARACURA" a Rua 29, com início na Rua 33 e término na Rua 27 do mesmo loteamento;

"RUA SERIEMA" a Rua 30, com início na Rua 31 e término na Rua 6 do mesmo loteamento;

"RUA SOCO" a Rua 31, com início na Rua 23 e término na Rua 50 do mesmo loteamento;

"RUA SAIRA" a Rua 32, com início na Rua 31 e término na Rua 26 do mesmo loteamento;

"RUA SABIA" a Rua 33, com início na Rua 31 e término na Rua 26 do mesmo loteamento;

"RUA TUCANO" a Rua 34, com início na Rua 23 e término na Rua 50 do mesmo loteamento;

"RUA TUIM" a Rua 35, com início na Rua 23 e término na Rua 34 do mesmo loteamento;

"RUA TANGARA" a Rua 36, com início na Rua 33 e término na Rua 34 do mesmo loteamento;

"RUA UIRAPURU" a Rua 37, com início na Rua 23 e término na Rua 26 do mesmo loteamento;

"RUA JACUTINGA" a Rua 38, com início na Rua 37 e término na Rua 41 do mesmo loteamento;

"RUA JAO" a Rua 39, com início na Rua 31 e término na Rua 38 do mesmo loteamento;

"RUA SANHAÇO" a Rua 40, com início na Rua 31 e término na Rua 38 do mesmo loteamento;

"RUA AVINHADO" a Rua 41, com início na Rua 31 e término na Rua 38 do mesmo loteamento;

"RUA FAISÃO" a Rua 42, com início na Rua 31 e término na Rua 43 do mesmo loteamento;

"RUA EMA" a Rua 44, com início na Rua 23 e término na Rua 51 do mesmo loteamento;

"RUA CALHANDA" a Rua 45, com início na Rua 37 e término na Rua 47 do mesmo loteamento;

"RUA JACUI" a Rua 46, com início na Rua 45 e término na Rua 47 do mesmo loteamento;

"RUA AÇOR" a Rua 47, com início na Rua 23 e término na Rua 34 do mesmo loteamento;

"RUA MERGULHÃO" a Rua 48, com início na Rua 34 e término na Rua 49 do mesmo loteamento;

"RUA TENTILHÃO" a Rua 50, com início na Rua 49 e término na Rua 43 do mesmo loteamento;

"RUA CORMORÃO" aquela formada pelas Ruas 51, 52 e 53, com início na Rua 44 e término na Rua 26 do mesmo loteamento;

"RUA CANINDE" a Rua 54, com início na Rua 3 e término na Rua 26 do mesmo loteamento;

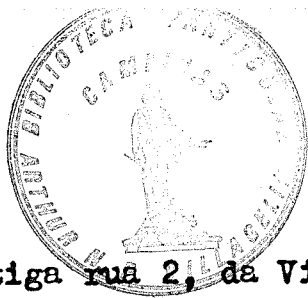
Artigo 2.º — Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

PAÇO MUNICIPAL, 7 de outubro de 1977.

DR. FRANCISCO AMARAL
Prefeito do Município de Campinas
DR. RALPH TORTIMA STETTINGER
Secretário dos Negócios Jurídicos
Eng.º AMANDO QUEIROZ TELLES COELHO
Secretário de Obras e Serviços Públicos

Redigido na Secretaria dos Negócios Jurídicos — Consultoria Técnico-Legislativa da Consultoria Jurídica — com os elementos constantes do protocolado n.º 8.957, de 15 de abril de 1977, e publicado no Departamento do Expediente do Gabinete do Prefeito, em 7 de outubro de 1977.

DR. GERALDO CESAR BASSOLI CEZARE
Chefe do Gabinete do Prefeito



RUA CORRUIRA .

(Denominação dada à antiga rua 2, da Vila Padre Manoel de Nóbrega - 2a. Parte, com início na rua Conselheiro João Alfredo e término da rua Transamazônica) (Decreto

nº 5245 de 07-10-1977)

CORRUIRA é um vertebrado, da classe das Aves, da ordem dos Passeriformes. É um trogloditídeo que mede apenas pouco mais de 11 centímetros, sendo que 5 são de cauda; a parte superior de seu corpo é pardo-acizentada e a parte inferior pardo-amarelada; linhas transversais pretas e finas riscam a sua cauda; bico ligeiramente curvo, e um tanto longo, preto na mandíbula superior, e côr de chumbo na inferior. Só durante uma geração ou um período é que a corruíra é monogâmica. De um modo geral, mesmo entre os componentes de um mesmo grupo, troca de par após cada procriação. Macho e fêmea são iguais. Passarinho elegante, bu liçoso e muito esperto; presta grandes serviços à agricultura. Ocasionalmente, chega até às varandas das habitações humanas, povoações e casas de fazendas. Põe cinco ou mais ovos vermelho-claros. A incubação dura em média 12 dias, sendo que os filhotes estão aptos a deixarem o ninho dezoito dias após nascidos. Geralmente todos os trogloditídeos são mais ou menos bons cantores; como representantes máximos, sob este aspecto, acham-se os do gênero "Ciphorhinus", os celebrados e lendários uirapurus.

Frequenta hortas e pomares à procura de insetos, dos quais se alimenta. Parece conhecer todos os hábitos dos bichos que vivem em hortas, jardins e quintais, pois os atacam em seus esconderijos. É conhecido pelos nomes de: "cambaxirra", "carriga", "corrieira", "rouxinol-do-nordeste" e "garrinha".

PAG. 226 * CHA E QUI. * 15 DE FEVEREIRO DE 1952 * VOL. 35.º * N.º 2

Protegendo a melodiosa amiga de nossa casa

(ESPECIAL)

Quando esse fenômeno acústico conhecido como "o éco", ainda se grafava com "ch", li na revista com esse nome e organizada pelo Ginásio Anchieta de Porto Alegre, um artigo cujo assunto era do meu interesse. Ele falava sobre a CORRUIRA ou CARRIÇA, como chamam em outros lugares; da sua camaradagem com as pessoas, atrevendo-se confiante a construir o ninho próximo as habitações humanas; referia-se a utilidade dessa ave-sinha para a agricultura e como ir ao encontro dessa boa disposição natural do passarinho, construindo uma casinhola na qual pudesse abrigar a futura prole, livre das ameaças dos gatos. Cuidado sempre com "o malandro do gato", era a advertência que encerrava o artigo.

Andei às voltas com caixas vazias de giz. Pendurei uma delas na copa de uma ameixeira do Pará e, com a característica impaciência de criança, vivia controlando para ver se havia movimento que indicasse a aceitação do oferecimento. Ignorava totalmente que só na época propícia da primavera é que alguém poderia estender o seu direito de procurar àquele cubículo. Diminuí o meu entusiasmo, porém não o perdi de um todo. Por aquela época um dos tios — o que é médico — morava conosco e uma vez que outra recebia amostras de medicamentos, algumas das quais vinham muito bem dispostas em bem feitas calxinhas de madeira; eram dessas coisas que se gosta sem se saber mesmo que utilidade tenham. Mas eu sabia: fazer casa para as CORRUIRAS.

Uma delas tinha o feitio de um paralelepípedo. Colocando-o de pé, apliquei um orifício, a título de porta, mas a casa ficou com pouco fundo: da soleira até o "assoalho" teria se acaso uns três centímetros.

O "casal CORRUIRA" havia tomado posse "sonoramente" da peça. Não souberam prever a coisa e quando o ninho atingiu a altura da porta, detiveram-se porque recém haviam começado.

Dei-me conta da silenciosa reclamação e também da imperfeição do acabamento, e daí por diante aperfeiçoei a construção, aproveitando pedaços de linóleo velho para usar como telhado, pintei as casinholas, pendurei-as em árvores, em telheiros, no sol, na sombra, e fui observando os fatores que influíam na "habitabilidade" da morada.

Agora, posso sistematizar o que aprendi experimentalmente acerca desse útil e interessante passatempo.

Esses fatores são de duas categorias: 1.º — Fatores do meio — onde está situada a casa, e...

2.º — Fatores da própria casa — ou de sua construção.

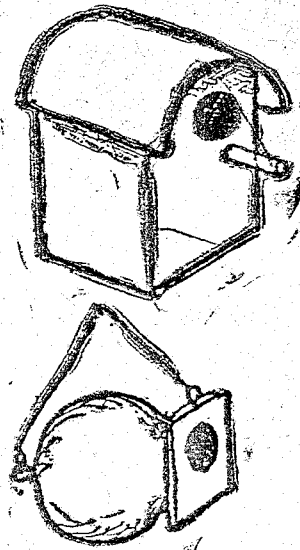
1.º — Falando do meio, pode-se considerar três pontos:

a) Humidade — b) Temperatura — c) Proximidade do homem — a) Consiste em evitar a ação prejudicial da chuva, o que se consegue cortando um pedaço de algum linóleo velho que já foi retirado do uso como tapete. Para evitar que se quebre, o "telhado" não deve ser feito em duas águas, mas uma disposição boa é abaulada, como mostra a figura.

O linóleo é afixado, nada mais que por quatro preguinhos ou percevejos.

b) Acabo de verificar a ação contrária do calor sobre um ninho.

O "calor do ninho" — expressão poética — não deve ser levada ao exagero sob pena de haver abandono do mesmo. Foi o que ocorreu em relação a uma casa que distraidamente pendurei num lugar ensolarado na hora mais quente do dia: o casal principiou a construção do "leito" mas



Ninhos artificiais para convidar a corruira a se estabelecer perto da gente.

como as aves não tem sistema de refrigeração do ninho como as abelhas, tiveram de interromper o amoroso trabalho. A sombra de alguma árvore, ou de um telheiro, ou alpendre, atenuam os efeitos do sol.

c) A CORRUIRA é um passarinho dotado de muito boa fé. Por isso sofre muitas vezes alguns logros e prejuízos dos inimigos; mas esse mesmo atributo faz com que ela se acerque confiante do homem e suas habitações, onde não se aventuram estes seres prejudiciais, ou ao menos podem ser combatidos com mais facilidade, quando se está vigilante.

Entre os inimigos do ninho tem se apresentado em minha "criação": ratos, insetos e aves. Os dois primeiros fazem concorrência ao inquilinato e, com petulância, acabam desajolando os verdadeiros proprietários com sua proximidade "non grata". Como remédio: evitar no possível, os lugares e meios onde possam se aventurar esses intrusos, ou que forneçam acessibilidade ao ninho.

Os outros pássaros agem de maneira muito mais inteligente e... cínica: conseguindo se intrometer, derrubam de lá para baixo os ovos da CORRUIRA e substituem-nos pelos seus. Resultado: os donos do lugar, ludibriados, chocam e criam os filhos alheios, sem compensação, e com prejuízo para a própria espécie. Este mal é facilímo de ser debelado, bastando para tal empregar uma dimensão suficiente para o orifício que serve de porta. A CORRUIRA sendo um bichinho pequeno, utiliza bem uma portinha que não deve ser maior do que um orifício circular de 3 cm. de diâmetro, que pode ser feito com uma púa de uma polegada.

No pátio aqui de casa, como passarocas atrevidos desses, tem-se apresentado os PARDAIS e um outro pássaro pouco maior e todo preto que popularmente chamam de ANU. (1) Certa vez, observando uma casinhola situada no telheiro que protege a porta que dá para o jardim, reparei que os filhotes viviam esfomeados e que os pais não davam vencimento ao trabalho, pois de dentro da casca saíam chiados roucos e contínuos.

Para investigar melhor, retirei a casa e o linóleo e dei com um enorme filhotão preto que ocupava todo o ninho. Ele foi

(1) É apenas no Rio Grande do Sul que chamam com o nome de ANU o pássaro conhecido por toda parte como CHOPIM — GAUDERIO — MARIA PRETA, etc. ANU é pássaro bem diferente. Sobre estas duas aves: chopim e anu publicaremos brevemente artigos ilustrados. — N. da Red.

transferido para uma gaiola, através de cujas grades os pais continuaram a alimentá-lo ainda por certo tempo, e aí pude concluir as observações: além de esfomeado, o bicho era cheio de partes: rejeitava muitos bichinhos — trazidos pelos pais — que se acumulavam no assoalho da gaiola, podendo-se ver toda a sorte de insetos e outros animálculos desses, prejudiciais as culturas. O pássaro foi solto, depois. Andou ainda algum tempo ao redor da casa e na última vez que o vimos estava ferido, atingido — quem sabe — pela pedra de algum estilingue de meninos desacostumados a apreciar mais sinceramente a natureza.

Retomando a sistematização do assunto, vejamos os fatores da casa; agrupei-os em:

a) Material empregado — b) Dimensões da casa.

a) A madeira se presta bem, podendo-se utilizar caixas vazias de giz, de embalagem de medicamentos, ou outras utilidades. Uma cuia velha, dessas para tomar chimarrão, também serve, desde que se adapte na boca uma taboinha que tenha um orifício, como porta, com o diâmetro já referido.

Se o conjunto levar uma mão de pintura, fica mais durável, é lógico; mas por ficar mais bonito, atrai a cobiça de algum "bípede implume", que a leva consigo em momento propício.

b) Não precisa ter mais do que 8 x 8 x 12 cm. de dimensões, a maior medida correspondendo à altura. Da parte mais baixa, ou inferior, da porta, até o fundo, em sentido vertical, bastam 6 cm.

Um pausinho de uns 5 cm. de comprimento, pregado verticalmente em relação ao plano da parede da frente, oferecerá aos pais, um pouso fácil para as incursões frequentes, principalmente quando tiverem de alimentar os filhotes vorazes.

Eis aí, em poucas palavras, algumas condições que favorecem o estabelecimento de uma pequena "criação avícola" que fornece benefícios de toda a ordem. Os mestres e professoras rurais e urbanas, devem sugerir aos nossos meninos que dessa forma transformem os tradicionais alvos alados dos estilingues em grande amigos de todos nós e de toda a hora, que saneando a nossa horta dos insetos prejudiciais, constituem os músicos gorgeantes que alegram o ambiente primaveril das nossas casas.

Pelotas, 2 de Dezembro de 1951.

Francisco Dias da Costa Vidal.



Corruira, pássaro benéfico

A corruira é um dos mais alegres e ativos pássaros que vivem próximos das habitações, tendo merecido grande atenção dos naturalistas. Luiz Gonzaga E. Lordello fala dos hábitos das corruiras.

A família dos passaros Troglodítidos compreende aves pequenas, com bico fino e geralmente curvo, asas curtas e cauda ornada de faixas transversais. O bico curvo presta-se bem para ser introduzido em buracos e fendas existentes em paus de onde o pássaro retira, por vezes, gordas larvas de coleópteros das quais se alimenta.

As penas apresentam cores modestas, pardas ou cinzas, com fitas ou raios transversos pouco vistosos. Trata-se de uma família cosmopolita, ocorrem representantes em todos os continentes.

As espécies do gênero "Troglodytes" são as corruiras, mais abundantes no continente americano do que em qualquer outra parte do mundo. Por esse motivo, há quem admita ser a família de origem americana e, a julgar pelo centro atual de maior abundância, o grupo originou-se nas regiões tropicais do continente; aqui ocorrem mais de duas centenas de formas distintas.

Como regra, esses pássaros não são migradores.

A espécie mais conhecida, filiada à família em causa, é sem dúvida a corruira. Certamente, não há quem a desconheça. Os dicionaristas registraram-lhe outros nomes populares, como: cambaxirra, garricha, carriça etc. Este último termo é de origem portuguesa, sendo, na Europa, empregado para de-

signar um pássaro semelhante, da mesma família. Cientificamente, a corruira é conhecida como "Troglodytes musculus".

Em seu regime alimentar predominam artrópodos, principalmente insetos; trata-se, portanto, de pássaro que nos presta grandes serviços, merecendo a maior proteção.

A corruira é geralmente benquista; todos apreciam a sua alegre presença. Parece, assim, não contar com perseguidores humanos, sempre os mais nocivos e responsáveis pela acentuada diminuição que vem ocorrendo na avifauna nacional. Conhecendo-lhes os úteis hábitos, os inimigos da natureza costumam poupar-lha milagrosamente.

A corruira figura entre os mais ativos e alegres pássaros que podem viver nas proximidades das habitações. Com facilidade, podemos localizá-la em seu trabalho incansável de penetrar sebes, amontoados de paus, buracos, enfim todos os recantos onde se esconde um mundo imenso de aranhas e insetos. Por compará-la a um camundongo, quanto à ligeireza de penetrar em vãos e outros espaços exíguos, os cientistas atribuíram-lhe o nome específico "musculus" que significa rato pequeno. Aliás, quanto à cor, compara-se também a um rato. Na Argentina, chamam-na "ratona".

A corruira mereceu a atenção do naturalista J. Paiva Carvalho, que estu-

dou os hábitos, regime nutritivo etc. Verificou que predominam, em sua alimentação, aranhas caseiras e insetos de várias famílias. Esse pássaro, eventualmente, pode ingerir também alimentos vegetais, representados por fragmentos de grãos de arroz e milho e sementes diversas.

A corruira nidifica em ocios de paus, bem ainda em toda sorte de caixa ou lata ou outro esconderijo. Por vezes, verificamos casais nidificando em cabeças de bois ou de equídeos mantidas dependuradas em cercas. Mais recentemente, um casal fez o ninho em um vaso de barro vazio mantido de boca para baixo em cima de um estrado à sombra de frondosa laranjeira. Há o caso do pássaro ter feito ninho na caixa de correspondência do jardim de bela residência. O proprietário, ao saber do fato, proibiu que se fizesse uso da caixa, deixando-a para proteção do pássaro e sua prole.

Recentemente, um casal construiu o ninho no interior de uma máquina de costura, que se costumava manter em um cômodo aberto, na sede de uma chácara. A proprietária da máquina viu-se na impossibilidade de costurar por uns dias, para dar tempo a que o casal concluísse a sua tarefa, que só terminou quando os filhotes, crescidos, deixaram o local.

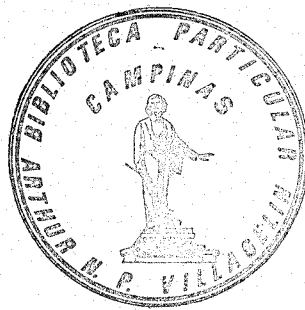
Um modo de atrair corruiras é proporcioná-lhes locais para a nidificação. Não é com outra finalidade que certas fa-

mílias distribuem caixas, latas etc., em jardins, evidentemente protegidas de intempéries. Logo aparecerão as corruiras para ocupar os ninhos assim preparados.

As fêmeas põem 3 a 4 ovos arredondados e de cório (membrana que cobre o feto) vermelho claro salpicado e vermelho mais forte. A incubação parece ser tarefa exclusiva da fêmea.

Nascidos os filhotes, os dois sexos trabalham na sua alimentação. Paiva Carvalho calculou que o "déficit" diário ocasionado na fauna entomológica nociva, por um ninho de corruira em que, além do macho e da fêmea, existem três filhotes geralmente esfomeados e insaciáveis, é de cerca de 450 exemplares diversos. As observações permitiram-lhe "computar em cerca de 36 mil o número de insetos daninhos destruídos por hectare, onde houver corruiras mantidas sob proteção".

Embora a corruira seja geralmente estimada e aparentemente muito pouco ou não perseguida pelo homem, não se mostra abundante em parte alguma. A ave, porém, tem os seus inimigos. Verificou-se, por exemplo, que a população de filhotes de uma área sofreu sensível redução ao cabo de duas semanas em virtudes de forte temporal. Os ninhos, às vezes, são procurados por ofídios, que devoram os filhotes e eventualmente os adultos, que procuram defender a prole.



PAG. 226 * CHA. E. QUI. * 15 DE FEVEREIRO DE 1952 * VOL. 85.º * N.º 2

Protegendo a melodiosa amiga de nossa casa

(ESPECIAL)

Quando esse fenômeno acústico conhecido como "o éco", ainda se grafava com "ch", li na revista com esse nome e organizada pelo Ginásio Anchieta de Pôrto Alegre, um artigo cujo assunto era do meu interesse. Ele falava sobre a CORRUIRA ou CARRIÇA, como chamam em outros lugares; da sua camaradagem com as pessoas, atrevendo-se confiante a construir o ninho próximo as habitações humanas; referia-se a utilidade dessa ave-sinha para a agricultura e como ir ao encontro dessa boa disposição natural do passarinho, construindo uma casinhola na qual pudesse abrigar a futura prole, livre das ameaças dos gatos. Cuidado sempre com "o malandro do gato", era a advertência que encerrava o artigo.

Andei às voltas com caixas vazias de giz. Pendurei uma delas na copa de uma ameixeira do Pará e, com a característica impaciência de criança, vivia controlando para ver si havia movimento que indicasse a aceitação do oferecimento. Ignorava totalmente que só na época propícia da primavera é que alguém poderia estender o seu direito de procurar àquele cubículo. Diminuí o meu entusiasmo, porém não o perdi de um todo. Por aquela época um dos tios — o que é médico — morava conosco e uma vez que outra recebia amostras de medicamentos, algumas das quais vinham muito bem dispostas em bem feitas caixinhas de madeira; eram dessas coisas que se gosta sem se saber mesmo que utilidade tenham. Mas eu sabia: fazer casa para as CORRUIRAS.

Uma delas tinha o feitio de um paralelepípedo. Colocando-o de pé, apliquei um orifício, a título de porta, mas a casa ficou com pouco fundo: da soleira até o "assoalho" teria se acaso uns três centímetros.

O "casal CORRUIRA" havia tomado posse "sonoramente" da peça. Não souberam prever a coisa e quando o ninho atingiu a altura da porta, detiveram-se porque recém haviam começado.

Dei-me conta da silenciosa reclamação e também da imperfeição do acabamento, e daí por diante aperfeiçoei a construção, aproveitando pedaços de linóleo velho para usar como telhado, pinteí as casinholas, pendurei-as em árvores, em telheiros, no sol, na sombra, e fui observando os fatores que influíam na "habitabilidade" da morada.

Agora, posso sistematizar o que aprendi experimentalmente acerca desse útil e interessante passatempo.

Esses fatores são de duas categorias: 1.º — Fatores do meio — onde está situada a casa, e...

2.º — Fatores da própria casa — ou de sua construção.

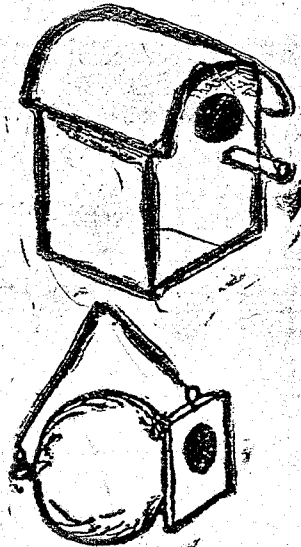
1.º — Falando do meio, pode-se considerar três pontos:

a) Humidade — b) Temperatura — c) Proximidade do homem — a) Consiste em evitar a ação prejudicial da chuva, o que se consegue cortando um pedaço de algum linóleo velho que já foi retirado do uso como tapete. Para evitar que se quebre, o "telhado" não deve ser feito em duas águas, mas uma disposição boa é abaulada, como mostra a figura.

O linóleo é afixado, nada mais que por quatro preguinhos ou percevejos.

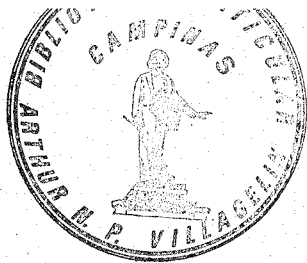
b) Acabo de verificar a ação contrária do calor sobre um ninho.

O "calor do ninho" — expressão poética — não deve ser levada ao exagero sob pena de haver abandono do mesmo. Foi o que ocorreu em relação a uma casa que distraidamente pendurei num lugar ensolarado na hora mais quente do dia: o casal principiou a construção do "leito" mas



Ninhos artificiais para convidar a corruira a se estabelecer perto da gente.

(Da Revista "Chácaras e Quintais", nº 2, Vol. 85º, de 15-02-1952)



como as aves não tem sistema de refrigeração do ninho como as abelhas, tiveram de interromper o amoroso trabalho. A sombra de alguma árvore, ou de um telheiro, ou alpendre, atenuam os efeitos do sol.

c) A CORRUIRA é um passarinho dotado de muito boa fé. Por isso sofre muitas vezes alguns logros e prejuízos dos inimigos; mas esse mesmo atributo faz com que ela se acerque confiante do homem e suas habitações, onde não se aventuram estes seres prejudiciais, ou ao menos podem ser combatidos com mais facilidade, quando se está vigilante.

Entre os inimigos do ninho tem se apresentado em minha "criação": ratos, insetos e aves. Os dois primeiros fazem concorrência ao Inquilinato e, com petulância, acabam desajolando os verdadeiros proprietários com sua proximidade "non grata". Como remédio: evitar no possível, os lugares e meios onde possam se aventurar esses intrusos, ou que forneçam acessibilidade ao ninho.

Os outros pássaros agem de maneira muito mais inteligente e... cínica: conseguindo se intrometer, derrubam de lá para baixo os ovos da CORRUIRA e substituem-nos pelos seus. Resultado: os donos do lugar, ludibriados, chocam e criam os filhos alheios, sem compensação, e com prejuízo para a própria espécie. Este mal é facilíssimo de ser debelado, bastando para tal empregar uma dimensão suficiente para o orifício que serve de porta. A CORRUIRA sendo um bichinho pequeno, utiliza tem uma portinha que não deve ser maior do que um orifício circular de 3 cm. de diâmetro, que pode ser feito com uma pua de uma polegada.

No pátio aqui de casa, como passarocas atrevidas dêsse, tem-se apresentado os PARDAIS e um outro pássaro pouco maior e todo preto que popularmente chamam de ANU. (1) Certa vez, observando uma casinhola situada no telheiro que protege a porta que dá para o jardim, reparei que os filhotes viviam esfomeados e que os pais não davam vencimento ao trabalho, pois de dentro da casca saíam chiados roucos e contínuos.

Para investigar melhor, retirei a casa e o linóleo e dei com um enorme filhotão preto que ocupava todo o ninho. Ele foi

(1) É apenas no Rio Grande do Sul que chamam com o nome de ANU o pássaro conhecido por toda parte como CHOPIM — GAUDERIO — MARIA PRETA, etc. ANU é pássaro bem diferente. Sobre estas duas aves: chopim e anu publicaremos brevemente artigos ilustrados. — N. da Red.

transferido para uma gaiola, através de cujas grades os pais continuaram a alimentá-lo ainda por certo tempo, e aí pude concluir as observações: além de esfomeado, o bicho era cheio de partes: rejeitava muitos bichinhos — trazidos pelos pais — que se acumulavam no assoalho da gaiola, podendo-se ver toda a sorte de insetos e outros animálculos dêsse, prejudiciais as culturas. O pássaro foi sóto, depois. Andou ainda algum tempo ao redor da casa e na última vez que o vimos estava ferido, atingido — quem sabe — pela pedra de algum estilingue de meninos desacostumados a apreciar mais sinceramente a natureza.

Retomando a sistematização do assunto, vejamos os fatores da casa; agrupei-os em:

a) Material empregado — b) Dimensões da casa.

a) A madeira se presta bem, podendo-se utilizar caixas vazias de giz, de embalagem de medicamentos, ou outras utilidades. Uma cuia velha, dessas para tomar chimarrão, também serve, desde que se adapte na boca uma taboinha que tenha um orifício, como porta, com o diâmetro já referido.

Se o conjunto levar uma mão de pintura, fica mais durável, é lógico; mas por ficar mais bonito, atrás a cobija de algum "bípede implume", que a leva consigo em momento propício.

b) Não precisa ter mais do que 8 x 8 x 12 cm. de dimensões, a maior medida correspondendo à altura. Da parte mais baixa, ou inferior, da porta, até o fundo, em sentido vertical, bastam 6 cm.

Um pausinho de uns 5 cm. de comprimento, pregado verticalmente em relação ao plano da parede da frente, oferecerá aos pais, um pouso fácil para as incursões frequentes, principalmente quando tiverem de alimentar os filhotes vorazes.

Eis aí, em poucas palavras, algumas condições que favorecem o estabelecimento de uma pequena "criação avícola" que fornece benefícios de toda a ordem. Os mestres e professoras rurais e urbanas, devem sugerir aos nossos meninos que dessa forma transformem os tradicionais alvos alados dos estilingues em grande amigos de todos nós e de toda a hora, que saneando a nossa horta dos insetos prejudiciais, constituem os músicos gorgeantes que alegam o ambiente primaveril das nossas casas.

Pelotas, 2 de Dezembro de 1951.

Francisco Dias da Costa Vidal.